

Meio SÉCULO
JORNALISMO

Histórias e Causos



Organização:
Rackel Cardoso



Universidade Estadual da Paraíba
Prof^a. Célia Regina Diniz | *Reitora*
Prof^a. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba
Cidoval Moraes de Sousa | *Diretor*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)
Alberto Soares de Melo (UEPB)
Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)
José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)
José Luciano Albino Barbosa (UEPB)
Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)
Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Editora filiada a ABEU

EDITORIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Rackel Cardoso
(Organizadora)





Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Moraes de Sousa (*Diretor*)

Expediente EDUEPB

Design Gráfico e Editoração

Erick Ferreira Cabral

Jefferson Ricardo Lima A. Nunes

Leonardo Ramos Araujo

Revisão Linguística e Normalização

Antonio de Brito Freire

Elizete Amaral de Medeiros

Assessoria Editorial

Eli Brandão da Silva

Assessoria Técnica

Thaise Cabral Arruda

Divulgação

Danielle Correia Gomes

Comunicação

Efigênio Moura

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

M514 Meio século jornalismo [recurso eletrônico] : histórias e causos / organização e prefácio de Rackel Cardoso ; posfácio de Mikaely Faustino. – Campina Grande : EDUEPB, 2025.
39 p. : il. color.

ISBN: 978-65-5221-045-6 (460 KB - PDF)

1. Jornalismo. 2. Jornalismo CCSA/UEPB - 50 anos. 3. Jornalismo - Trajetória Acadêmica. 4. Jornalismo Digital. 5. Atuação Profissional. I. Cardoso, Rackel. II. Título.

21. ed. CDD 070.4

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Mirelle de Almeida Silva – CRB-15/483

Copyright © **EDUEPB**

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

PREFÁCIO

Contar histórias do cotidiano é algo que corre nas veias de um comunicador. Todo jornalista carrega em si um pouco desse amor por espalhar conversas por aí, algumas que transformam o mundo, outras que mudam o nosso dia a dia. Mas todas, sem exceção, constroem, aos poucos, a história que vivemos.

Agora, imagine só cinquenta anos dedicados a contar histórias. O curso de Jornalismo da UEPB, como um grande pai, acolhe, abraça, ensina, educa e transforma vidas. E há meio século forma filhos que fazem essa história acontecer.

Por seus braços, passaram tantos acontecimentos que não caberiam nas páginas de dois e-books. Teve jornalista casando com jornalista, gente que ajudou a fazer cinema, momentos de pura emoção dentro e fora das salas de aula, e, como a vida nem sempre é fácil, também teve acidente e história de superação.

Falando em superação, foram muitos os avanços: das salas sem ventiladores e laboratórios sem computadores, para ambientes renovados e modernos. Ali, muita gente passou, aprendeu e ensinou.

Cinquenta anos se foram assim, e, embora cada dia pudesse parecer igual, e cada aluno, professor, técnico ou monitor pudesse acreditar que passou despercebido pelos corredores, salas e laboratórios, todas essas histórias se uniram para construir esse meio século de estrada. Uma estrada pavimentada com notícias, reportagens, crônicas, prêmios e até roteiros de cinema.

Cada um com seu talento hoje sustenta sua própria história, mas todos, um dia, passaram pelos corredores da UEPB. E agora, algumas dessas histórias são contadas aqui. Histórias para rir, outras histórias para emocionar, mas todas nossas, todas parte da nossa história com o Jornalismo.

Nos bastidores, uma turma de jornalismo digital, recém-saída de uma pandemia com aulas remotas, agora presencialmente, vivia a empolgação de experimentar pela primeira vez a emoção de entrevistar, redigir e praticar jornalismo, aplicando toda a teoria aprendida. Não só um desafio para eles: escrever um e-book de crônicas. Desafio também para a professora substituta, que queria deixar sua

marca na vida desses estudantes e no curso pelo qual um dia passou como aluna. Agora, ali, ela ensinava com a bagagem de todas as experiências que o jornalismo lhe proporcionou.

Aqui, nove estudantes se reuniram para narrar as mais diversas e ricas situações vividas por alunos, ex-alunos, professores e profissionais ao longo desses 50 anos. Mas não são apenas textos para obtenção de notas em uma disciplina; são experiências reais, vividas, relatadas e agora eternizadas neste e-book, um momento que ao ler você também faz parte. Vem com a gente!

Rackel Cardoso Santos Guimarães

SUMÁRIO

RESPOSTAS SEM PERGUNTAS	08
O CASAMENTO QUE QUASE NÃO ACONTECEU	10
JORNALISMO, FUTEBOL E TIMIDEZ	13
COMO SER UM BOM JORNALISTA?	15
A INSPIRAÇÃO CINEMATOGRÁFICA DE JAIME...	17
DENOMINADOR COMUM	19
UMA JORNADA DE APRENDIZADO	22
HOMENAGEM PARA DOIS	24
A NOITE EM QUE A PAUTA SILENCIOU...	26
UNIVERSIDADE QUE ACOLHE PEQUENOS ALUNOS...	28
A UNIVERSIDADE QUE FORMA BONS OUVINTES...	30
JORNALISMO POR ACIDENTE	33
PÓS-FÁCIO	35
NOTA DOS AUTORES	36

RESPOSTAS SEM PERGUNTAS

Em uma época ainda analógica entre os anos de 2004 e 2008, uma das turmas de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UEPB explorava as diversas facetas que o curso oferecia. Idas à rádios comunitárias, redações jornalísticas em ação e até mesmo a criação de um jornal impresso próprio eram só alguns dos muitos caminhos que aqueles jovens curiosos e amantes da notícia experimentavam, de segunda a sexta, enquanto tentavam conciliar os trabalhos de campo com as aulas no antigo prédio do bairro do São José, em Campina Grande.

Mesmo ainda sendo aspirantes a jornalistas, uma coisa já era certa: para ter informação era preciso conversar com pessoas para assim conhecer outras realidades e falar sobre assuntos desconhecidos com mais credibilidade e, para isso, entrevistas tinham de ser marcadas. Mas, como dito, para jornalistas em formação isso pode ser uma tarefa um tanto difícil, afinal, o que se deve fazer primeiro? Deve-se ligar para tal pessoa? Um e-mail serve? E se o fulano não topa? Se disser que a entrevista seria para agora o ciclano vai estranhar? Muitos questionamentos e inseguranças surgem durante o planejamento para o encontro, é normal, para os supersticiosos toda essa preocupação pode até ser um presságio de que aquilo dará certo. Ou não.

Elane Gomes e sua colega de turma caminhavam pelo seu habitat natural universitário - o prédio que reunia especificamente jovens movidos pela sua paixão pela notícia - até o bloco próximo à entrada. As salas daquele bloco recebiam alunos e professores diariamente, seja para tirar dúvidas, fazer alguma reclamação ou sugestão, resolver problemas com a matrícula, para "bater o ponto" diário ou apenas para conversas entre os intervalos do expediente, afinal, era ali que ficavam as salas da coordenação e chefia, e aquele era o destino especial do dia para as duas garotas pois tinham uma entrevista marcada com ninguém mais ninguém menos que o professor Luis Aguiar, que na época ministrava a disciplina de Ética e Direitos Humanos e, ainda por cima,

era coordenador do curso de Comunicação Social. Elas tinham tudo nos conformes: o tema pautado com perguntas bem pensadas e, claro, um gravador de fita para não perder nenhum detalhe. A partir dali, era só seguir o que havia sido planejado pelas duas.

Conversa vai, conversa vem e - ufa! - entrevista finalizada. Agora a única preocupação era a de ouvir e redigir aquela longa conversa, selecionar os momentos mais importantes e torná-la devidamente parte de uma notícia. Após agradecerem a disponibilidade do coordenador, as meninas iam para a saída felizes da vida pelo sucesso da entrevista, e quando as coisas dão certo, naturalmente a vontade é de contemplar aquela conquista, não é mesmo?

Ainda com sorrisos contagiantes no rosto que poderiam ser vistos há um raio de distância, prestes a cruzar a porta, todo aquele sentimento de felicidade que contagiava Elane e sua amiga foi embora tão rápido quanto as letras do telepromter de um apresentador de TV experiente. Aquela entrevista que havia durado uma hora, com perguntas arquitetadas minuciosamente e que renderam respostas detalhadas simplesmente não havia sido gravada.

- E se nós fizéssemos o seguinte: A gente volta lá e diz que não vamos mais fazer as perguntas, ele apenas precisa repetir as respostas - sugeriu a amiga.

Há um outro ponto crucial que não foi citado anteriormente para a busca da notícia: a perda de parcela da vergonha na cara que um jornalista pode ter.

As duas voltaram até onde o coordenador estava, explicaram o que aconteceu, se desculparam e assim fizeram, pediram respostas sem perguntas. O que ninguém naquela sala esperava era que antes mesmo de Luis considerar aquela proposta peculiar, uma crise desenfreada de riso tomou conta de Elane e a acompanhou até a saída novamente.

Hoje, Elane Gomes é professora do curso de Jornalismo na UEPB e quando entrevista alguém segue um manual de duas regras: o de sempre verificar se realmente está gravando e o de não ter uma crise de riso durante a conversa.

Por: Bruna Messias

O CASAMENTO QUE QUASE NÃO ACONTECEU

Era uma tarde ensolarada, no ano de 2015, quando um pequeno grupo de familiares e amigos se reuniu do lado de fora de um modesto cartório civil de Campina Grande. Todos esperavam ansiosamente pelo casamento de Rafael e Ísis, um casal que sempre havia sido considerado um exemplo de amor para todos que os conheciam. O noivo, Rafael, conhecido popularmente como “O Poeta”, encontrava-se nervoso diante do juiz, vestido em seu terno azul-marinho impecável. Ele estava ansioso para começar uma nova etapa de sua vida, agora ao lado de Ísis, a mulher que ele amava incondicionalmente desde quando se conheceram na redação da TV Paraíba. No entanto, havia um aspecto incomum nesse casamento: Ísis ainda não estava presente.

As conversas entre os convidados fluíam, misturando-se com o som suave da música tocada ao fundo, e todos se perguntavam onde Ísis estaria. Alguns cochichavam em busca de respostas, enquanto outros simplesmente suspiravam, esperando pacientemente pelo momento em que ela chegaria. Rafael, por outro lado, mantinha-se calmo, embora uma sombra de preocupação pairasse em seus olhos. Mesmo sabendo que a demora da noiva é uma tradição matrimonial, o noivo nunca se acalma diante da espera.

Finalmente, quando a impaciência coletiva já tinha tomado de conta, o silêncio cedeu lugar a um murmúrio de perplexidade. Enquanto as portas do cartório se abriam, Ísis entrou, deslumbrante em seu vestido branco, com um buquê de flores silvestres nas mãos. Ela estava esplêndida, mas sua expressão era um misto de surpresa e desculpas.

Rafael ficou aliviado, como se tivesse finalmente conseguido a paz que tanto buscava naquele momento. O juiz, acostumado com mais uma demora rotineira na sua profissão, deu início à cerimônia.

“Se algum de vocês tem uma razão válida para impedir esse casamento” , começou o juiz, “fale agora ou cale-se para sempre.”

Ísis se mexeu, e olhares curiosos dos convidados se voltaram para ela, esperando alguma explicação. Ela deu um passo à frente, olhando nos olhos de seu noivo Rafael.

“Eu não tinha a intenção de atrasar esse dia” , ela começou, com lágrimas nos olhos. “Mas a vida do jornalista é imprevisível, e as surpresas são parte dela.”

“Rafael” , continua Ísis, “você me ensinou que o amor é sobre ter compaixão, empatia e cuidado com o próximo. Hoje, eu aprendi como esses valores são tão importantes quanto os votos que estamos dispostos a fazer. Espero que você possa entender e aceitar o motivo do meu atraso.” .

Rafael olhou para Ísis com um misto de surpresa e admiração. Ele então tomou a mão dela e disse ao juiz que estava pronto para a “obrigação” . As palavras de compromisso foram trocadas, e, nesse casamento nada convencional, uma lição de empatia e compaixão foi acentuada.

Rafael se lembrou naquele exato momento que o primeiro encontro dos dois ocorreu em um café próximo à redação, onde coincidentemente ambos se refugiavam para encontrar inspiração. Ela, folheando um caderno de anotações, e ele, examinando as pautas do dia. Um sorriso casual e uma troca de olhares curiosos foram o suficiente para que o destino começasse a traçar sua narrativa.

Ao longo dos dias, a parceria profissional entre Rafael e Ísis se transformou em algo mais profundo. Suas conversas sobre histórias e reportagens evoluíram para confidências e risadas compartilhadas. A paixão que ambos tinham pela comunicação lá no curso de jornalismo na UEPB serviu como alicerce para uma conexão única e significativa do casal no meio jornalístico.

As ruas de Campina Grande se tornaram o cenário de suas histórias conjuntas, onde ele dava vida às palavras e ela imortalizava esses momentos em cada matéria. Cada reportagem era uma jornada que fortalecia não apenas o jornal que representavam, mas também os laços que se formavam entre eles.

O casamento de Rafael e Ísis não começou da maneira como foi pla-

nejado, mas começou com uma história que os uniria ainda mais profundamente. O amor deles não foi apenas uma celebração de sua união, mas uma constante lembrança de que a compaixão e a empatia podem ser tão importantes quanto os votos tradicionais. Esse amor que nasceu nas linhas de suas reportagens tornou-se uma narrativa própria, uma crônica que transcende as páginas do jornal. E, à medida que as palavras de compromisso ecoavam no cartório, todos os presentes entenderam que o amor verdadeiro estava diante deles, e que estava destinado a durar, não importando como começou.

Por: Allan Melo

JORNALISMO, FUTEBOL E TIMIDEZ

Na nossa primeira semana na aula de rádio, estávamos todos prontos para irmos embora, o barulho dos passos alvoroçados passando pelos corredores da universidade anunciavam que era hora, e com nossas mochilas postas nas costas, aguardávamos apenas a liberação do professor, o mestre Gilson Souto Maior - das maiores referências que existem no jornalismo. Foi aí, bem na hora de sair, que ele chamou atenção:

- Antes de vocês saírem, quero comunicar que tem atividade para a próxima semana. Eu quero um script de rádio para a próxima aula, e vocês vão ler em sala. Vamos praticar!

Naquele momento, vi Samy com o olhar baixo, apesar de toda admiração que tinha pelo rádio, só de pensar em falar na frente de todos nós, pensar em usar o microfone pela primeira vez, as mãos já começaram a suar naquela hora. O nervosismo já tomava de conta, e era evidente.

Um dia ele já havia me contado que era apaixonado por rádio, e assim como eu, também era apaixonado por futebol. As duas paixões se misturavam ao acompanhar, desde criança, as transmissões de partidas de futebol e programas esportivos. Então, decidir o tema do script não foi a parte difícil, ele quis falar de futebol. Me disse que passou a semana pensando, com medo de não agradar o professor. Escolheu uma matéria sobre Hulk. O jogador paraibano estava prestes a disputar a Copa do Mundo de 2014 com a camisa da Seleção Brasileira. Era motivo de orgulho para todos nós, campinenses, que nos sentíamos representados ao vermos um conterrâneo no maior torneio de futebol do mundo.

No dia da aula, quando eu cheguei, Samy já estava lá. Deve ter sido o primeiro a chegar, e, se foi, deve ter ensaiado o script dezenas de vezes na cabeça. Ali eu vi que ele queria dar o melhor de si. Foi ali que comecei a torcer por ele. Na hora que Gilson começou a convocar os alunos para iniciar as gravações, Samy levantou a mão e pediu para ser o primeiro.

Nós nos sentimos aliviados, ninguém queria ser o primeiro, exceto ele. Foi até o microfone, sem prática, encostou a boca de leve no aparelho, sentiu o metal gelado e se assustou. Recuou o rosto mais um pouco, ficando na distância ideal, conforme o professor Gilson já havia nos explicado na semana anterior. Acho que naquele momento ele recebeu uma descarga de adrenalina internamente, pois fixou o olhar no texto e desembestou a ler. Leu tudo, conforme o planejado, ou ainda melhor. Ele nem titubeou, como um artilheiro que não treme na frente do goleiro, e fez o melhor que um garoto iniciante no curso de jornalismo poderia fazer.

Quando terminou, ainda muito nervoso, com as mãos trêmulas e suadas, viu todo mundo com olhar de admiração, parecia a torcida esperando a cobrança do pênalti. Viu também o professor Gilson parar a gravação, e parar seu olhar sobre ele. Esperou ouvir correções, no mínimo orientações, mas era um olhar diferente. Gilson lhe disse:

- Rapaz, você vai ser um grande repórter esportivo! Você tem tudo para ser um repórter esportivo de campo! Tudo!

Quando ele falou isso, Samy desabou. Ele me contou que a vigorosa voz do professor Gilson ainda ecoa na sua memória até hoje. O nervosismo triplicou, mas pelo motivo certo. Era como um craque que acabara de decidir um campeonato: o da sua vida.

Samy Oliveira ainda não se tornou repórter de campo, não se tornou setorista de clubes, saiu da universidade diretamente para a assessoria de imprensa, mas descobriu naquele dia que tinha potencial para ser jornalista, e que tinha potencial para trabalhar com futebol. Mais do que isso, com a chancela do professor Gilson Souto Maior ele descobriu que tinha potencial para fazer qualquer coisa que ama, e timidez nenhuma ia desviar seu caminho dali em diante.

Por: Ygor Rezende

COMO SER UM BOM JORNALISTA?

Jornalismo: sinônimo de comunicação direta, objetiva, analítica, comunitária, feito por pessoas e para pessoas. Mas, o que precisa para exercer bem essa ciência da comunicação? Dizem que para ser jornalista basta saber escrever bem e se portar na frente da câmera, mas é realmente apenas isso? Precisa de diploma para ser jornalista?

Para dizer a verdade, a autora que vos escreve não saberia definir um manual básico de preparação, mas posso afirmar que o curso de Jornalismo da UEPB, em Campina Grande vem passando, há 50 anos, por reformulação constante e mudanças significativas na vida dos seus estudantes.

Em uma época não tão distante, entre o final da década de 90 e início dos anos 2000 no campus universitário de Campina Grande, no bairro do São José, em um prédio simples e com pouco investimento, os alunos do 3º período do curso de Comunicação Social (atual curso de jornalismo) tinham sede de conhecimento acadêmico.

Simone Benevides era uma dessas alunas. Ela saiu do interior da Paraíba para estudar em Campina Grande e, após duas tentativas no vestibular, conseguiu a tão almejada entrada no curso de Comunicação, em 1999. Ao ingressar no curso ela sente o impacto da falta de acesso dos alunos aos equipamentos básicos para formação acadêmica.

“A gente tem uma ideia que a universidade é o lugar do acontecimento, mas minha primeira decepção (naquela época) era a falta de investimentos no curso” - Diz ela.

As salas não tinham estrutura, o calor ardia na pele sem ventiladores, faltavam equipamentos, não tinham laboratórios de telejornalismo e rádio, ou qualquer meio que tornasse o aluno mais próximo da tecnologia. Porém, apesar de todas as dificuldades enfrentadas na graduação, Simone lembra com saudosismo das aulas de Jornalismo Interpretativo com

o Professor Mica Guimarães, que viriam a mudar suas experiências no modo de fazer jornalismo.

As aulas de Mica geralmente iniciavam de maneira divertida e muito pouco formal. Ao chegar na universidade, o professor parava o seu automóvel, um Corsa, abria o porta-malas, colocava o som no último volume, e deixava que a música de Elvis Presley tomasse conta de todo o pátio. Para completar, dançava conforme as batidas do Rei do Rock, e tudo isso com direito a plateia - os alunos.

Para muitos, era apenas uma disciplina de texto, com um professor no mínimo fora da caixa, mas para Simone o docente era um “cara” extremamente inteligente, que lecionava uma das maiores lições do jornalismo, que é fazer uma comunicação mais humana, próximo do telespectador ou ouvinte.

Mica foi um dos incentivadores da turma para trabalhar a escrita, carregando os alunos para experiências voltadas a crônicas, prosas, textos místicos, transcendendo a lógica convencional. O professor se destacava na turma por pregar um jornalismo comunitário, sem muita enrolação, que poderia ser feito a partir de meio metro fora da sala, em um simples terraço qualquer da universidade.

Em 2016, o Professor Altamir Araújo Guimarães, eterno Mica, deixou o curso de Comunicação e o curso da vida de forma precoce. Deixou, e nos deixou, mas suas histórias serão eternamente lembradas nos corações de cada aluno que se identificava com sua metodologia de ensino.

Simone Benevides atualmente é Jornalista formada, e leva como mantra a seguinte frase do Professor Mica Guimarães: “A notícia tem que ser seca, mas o jornalista não, ele precisa ter sensibilidade de escuta, ética e respeito pela história do outro” .

Por: Karina Marques

A INSPIRAÇÃO CINEMATOGRÁFICA DE JAIME GUIMARÃES

Falar de passado tem vários caminhos. Pensei em apontar os desafios que compõem uma história ou enaltecer as glórias, mas preferi esperar o entrevistado. Sem saber, ele seria o responsável por resolver essa questão. Quando abri a câmera, avistei um homem sorridente, com sua voz alegre e entusiasmada com o projeto a qual escrevo, quase optei por unicamente explorar as glórias. Mas Jaime Guimarães tinha muito a dizer.

Esperei mais um pouco, e nos primeiros minutos Guimarães tocou num ponto interessante. Nos seus anos pós ensino médio cogitou estudar jornalismo, para quem sabe melhorar suas habilidades em comunicação. Dos boatos a seu respeito, espanta tal afirmação. Surpresa somente de quem pensou no início desta crônica em falar do passado em linha reta.

O mesmo que ali dirigia palavras sem tropeços, precisou rever ângulos para alinhar as sequências que logo viriam. De fato - pensei comigo - seria uma boa escolha compreender a comunicação interpessoal no Jornalismo. Imagine só, vamos lá no ano de 2010, mudança na grade curricular do curso de Jornalismo na UEPB, a Universidade ainda instalada no bairro São José, em Campina Grande, depois a transição para Central de Aulas, e Jaime ocupava uma das cadeiras dispostas nas salas de comunicação. Mais um novo ângulo.

Entre risos orgulhosos, contou do jornal em braile daquela época, parece aqui que a mudança na forma de comunicar havia se achegado. Porém no contracampo foi fisgado por oficinas de montagem de tela e direção, o Comunicurtas o convidou a abrir os olhos para produção do audiovisual nacional e as técnicas de escrita alargaram seu tato sobre crônicas. Nos rumores aos quais dei ouvidos, as crônicas contavam sobre viagens com moto-táxi. Por que então ele escolheria jornalismo?!

E eu, responsável em detalhar essa história, atuava como um chicote (termo para um movimento de câmera muito rápido) para anotar alguns

feitos captados na nossa conversa, tempo de quase um belo curta metragem. Leia rapidamente: documentário Concreto, trabalho de rádio-escuta, primeiro aluno premiado com o edital do Canal Futura com o documentário “A Alma das Ruas” , trabalhos com políticos, a produção do nostálgico Groló, curta metragem de terror “Pranto” participando de mais de 30 festivais, criação do Muído Festival, filme Cordelina, a idealização da produtora Tronxo Filmes e mais. O ápice estava chegando.

Se cada conflito da dramaturgia do ensino superior fosse resolvido em se aventurar nas janelas que um curso oferece, talvez Jaime ganhasse um papel de personagem principal. Se em pura ousadia alguém hesitou pensar se o cineasta escolheu Jornalismo...cá estamos! diante da breve história de um jornalista, especialista em Cinema e Produção Audiovisual, Realizador, Montador e Assistente de Direção.

Dirigir o próprio roteiro antes, durante e depois de uma graduação requer muitas movimentações. Quem sabe neste curso que completa 50 anos, quantos cronistas desceram as escadas da Central? Quantos cineastas compõem esse quinquênio? E as tantas outras áreas que fazem um comunicador? Para saber tem que permanecer atento, porque nesse meio século não faltam narrativas envolventes.

Por: Karolina Matias

DENOMINADOR COMUM

Tem coisas que naturalmente fazem parte da essência de cada ser humano. Ainda criança, Mozart demonstrava talento na música e sua primeira sinfonia veio aos oito anos de idade; Michael Jackson embarcou na banda da família aos sete anos; Gloria Pires, aos nove anos, já estava em frente às câmeras esbanjando uma astuta interpretação nas novelas em rede nacional; e como não lembrar de Maisa Silva, a garotinha que aos cinco anos já tinha um contrato e apresentava programas infantis garantindo a alegria da criançada durante a semana?

Em cada uma dessas referências há um denominador comum. Algumas pessoas o chamam de dom, outras de talento, outras de propósito e algumas até ousam chamar de sorte. Se algum desses apontamentos está errado, a autora que aqui vos fala não sabe afirmar. Entretanto, cada um deles pode ser correto se houver reciprocidade.

A arte, a música, a dramaturgia e a comunicação escolheram cada uma das personalidades citadas anteriormente, mas o sucesso delas só foi possível pois cada personalidade escolheu de volta sua respectiva área. A reciprocidade de escolhas pode construir ou transformar histórias, não só de pessoas altamente conhecidas nacionalmente ou internacionalmente, mas também de pessoas comuns, afinal cada ser é um universo de singularidades.

Skarllety Fernandes, como uma aspirante a jornalista exemplar, ao pisar o pé no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UEPB, buscou versatilizar-se, como a profissão exige. Após um ano da sua entrada na graduação, em 2010, a jovem natural de Esperança - cidade localizada no Agreste paraibano - já militava como vice-presidente do Centro Acadêmico e organizava eventos que marcaram o antigo prédio do bairro do São José, em Campina Grande, o qual abrigava os "focas"

do primeiro ao oitavo período.

Um deles foi uma calourada realizada para os estudantes, evento que comemorava a entrada dos novatos e reuniu não só os feras, mas cada jovem sedento por uma festa universitária. A divulgação da festa, inclusive, gerou muita expectativa.

“Vi que vai ter até atração internacional, vocês tão sabendo?” - era um dos comentários que circulavam nos corredores entre as aulas.

E como jornalista não é fofoqueiro, apenas compartilha os fatos, aquilo era uma verdade. A festa reuniu dez músicos, com direito a uma atração internacional, fruto de uma parceria com outro evento que acontecia na cidade, e foi aprovada não só pelos estudantes, como também totalmente apoiada pelo coordenador do departamento na época, o professor Luis Custódio. A partir daí, a assessoria de eventos escolheu Skarllety e ela aceitou isso de braços abertos, afinal o seu negócio realmente era organizar eventos.

E agora, como uma aspirante a assessora exemplar, Skarllety precisava dar o próximo passo. Unida ao corpo participante do CA, ela embarcava na criação de um outro evento, esse que foi pensado para além do entretenimento e que levou o nome da faculdade ao Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social, o famoso Enecom. A Semana de Democratização da Comunicação foi idealizada como um espaço em que os alunos pudessem discutir temas que não cabiam nos eventos acadêmicos, que eles pudessem ter vez e voz para sugerir e contribuir em melhorias, além de proporcionar palestras e oficinas de todas as áreas do jornalismo, as quais eram oferecidas em um revezamento de espaços entre um tipo de museu que pertencia à universidade, localizado no atual prédio da Secretaria de Cultura de Campina Grande, e o próprio campus.

A familiaridade entre as pessoas era um marco do São José, ver os mesmos rostos quase todos os dias, dona Toinha sempre simpática na cantina, ouvir as conversas entre uma sala e outra sobre rádio, televisão, jornal e afins era tão natural quanto comentar o tempo e às sextas-feiras já eram dedicadas exclusivamente à música, poesia e vinho nos saraus que aconteciam embaixo de uma grande árvore próxima ao centro acadêmico. Deixar essa rotina não seria fácil, e realmente não foi.

A desativação do prédio aconteceu um ano antes de Skarllety se formar, em 2011, e o destino dela e de seus colegas foi a Central de Aulas,

no bairro do Bodocongó, um ambiente maior, mas sem aquele aconchego que a sua primeira “casa” proporcionava.

Mais de dez anos após a formação, Skarllety costuma dizer que se formou em três aspectos: na própria graduação, na extensão universitária e nos movimentos estudantis, com fragmentos de projetos como o Gente Nossa, o Repórter Junino, a organização da Semana dos Feras, as manifestações estudantis, os trotes e as campanhas solidárias, pois assim pôde experimentar as diversas facetas que o jornalismo oferece. De todo modo, não teve jeito, mais de dez anos após a formação, a reciprocidade da escolha unida ao dom, ao talento, ao propósito e até mesmo à sorte dos encontros e oportunidades, fazem de Skarllety não mais apenas uma aspirante, mas sim uma jornalista totalmente apaixonada pelo ato de assessorar, exercendo hoje a profissão de assessora de eventos Paraíba afora, da calourada ao Maior São João do Mundo.

Por: Bruna Messias

UMA JORNADA DE APRENDIZADO

Carolina viveu muitas histórias marcantes na sua passagem pelo curso de Jornalismo. Entre os desafios e conquistas de sua jornada na Codecom, junto com a equipe de assessoria da universidade, ela viveu momentos inesquecíveis. Durante a organização do Comunicurtas, o Festival Audiovisual de Campina Grande, promovido pela UEPB, desde a equipe de comunicação até a coordenação de equipes de cerimonial, ela sempre mergulhou de cabeça. No Comunicurtas Itinerante, um festival que levava as maravilhas do cinema, televisão e rádio para as localidades mais distantes da região. Ministrando oficinas e passando seu conhecimento além das paredes da sala de aula. Ver nos olhos das crianças, adolescentes e adultos o brilho da descoberta e a emoção de ter contato direto com a sétima arte, foi um aprendizado para eles e uma lição que Carol levará para a vida toda.

A cada noite, a cidade ganhava vida com as projeções dos filmes e as apresentações artísticas. A comunidade se encantava com aquela experiência única. Em uma dessas noites, ocorreu uma festa especial: a noite do coco de roda. Todos se juntaram para dançar, rir e se divertir, mesmo aqueles que não tinham o menor jeito para dançar. Era um momento de união, de compartilhar alegrias e criar memórias que ficariam para sempre na mente e no coração de todos.

Para Carol, fazer parte do Comunicurtas marcou profundamente a memória. As ruas históricas, a arquitetura da igreja e as histórias compartilhadas ficaram impressas em sua mente como lembranças valiosas de uma jornada de aprendizado, amor ao próximo e alegria em fazer a diferença na vida de tantas pessoas. Essa jornada foi repleta de desafios, superações e momentos de pura emoção. Entre os bastidores do Comunicurtas e os microfones da CBN, Carolina descobriu a importância de levar a arte e o conhecimento para além dos muros da universidade, impactando a vida das pessoas de forma positiva. Cada experiência vivida

nesse caminho deixou marcas profundas, e também deixou um legado nas comunidades que ela teve a honra de alcançar com seu jornalismo.

Por: Sabrina Xavier

HOMENAGEM PARA DOIS

Quando você ingressa no curso de jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, o primeiro grande sonho é entrar no Repórter Junino. A ansiedade já começa em participar da seleção, esperar aprovação e imaginar tudo que se pode absorver do maior evento cultural da nossa região. Quando meu nome foi listado entre os aprovados, a alegria não cabia em mim, prometi que tudo seria perfeito. Após isso, fui convocada para cobrir um evento de homenagem para Antônio Barros e Cecéu, casal que não precisa de apresentação, mas se precisasse, seriam descritos como uma das maiores duplas de artistas da música nordestina, compositores dos maiores sucessos do forró, inconfundíveis. Nessa missão, fiz dupla com minha colega de turma, Raquel, uma pessoa maravilhosa, carismática, comunicadora com todas as letras, mas que sempre teve um jeitinho particular de ser “devagar”, demorava um pouco para processar as informações.

Fomos até o evento com muita ansiedade, fiquei até confusa com tantas luzes, tanta gente importante. Se para mim era difícil entender aquilo tudo, imagina para Raquel. Me preocupei com isso, pois era o nosso primeiro grande evento, primeira grande cobertura, não podíamos falhar. Decidimos que a primeira ação seria conseguirmos a sonora com os grandes homenageados e ficamos aguardando nossa vez. Enquanto esperávamos, Raquel me mandou capturar algumas imagens do evento no salão. Me neguei, disse que não iria deixá-la sozinha em um momento tão tenso, porém, ela retruca:

“Não se preocupe, eu vou dar conta. Eu já fiz essa entrevista sozinha centenas de vezes na minha cabeça.”

Foi a primeira vez que eu vi Raquel tão segura de si, e não quis atrapalhar aquele momento. Se ela precisava estar sozinha para fazer o melhor dela, que fosse. Abracei Raquel e me retirei do local. Fui até o salão, fotografei muitos artistas famosos, vários forrozeiros renomados, e quando

retomei o olhar para Raquel, ela já estava em meio à entrevista. Forte e segura. Eu quis admirar mais de perto aquele momento, foi quando reparei que Cecéu estava sentada no canto da parede, com uma expressão de descontentamento, apenas observando. Achei estranho.

Pouco tempo depois a entrevista acabou, Raquel agradeceu as palavras de Antônio Barros e se despediu. Pensei comigo: Acho que Cecéu não quis falar. Me aproximei e perguntei como tinha sido, e Raquel respondeu “Foi perfeito” . Meu coração aliviou, tinha dado certo.

Quando estávamos retornando para o salão, Cecéu se levantou e disse:

“Ei, não se esqueçam que as homenagens são para Antônio Barros e Cecéu!”

Me virei e respondi:

“Não se preocupe, são mais que justas. Obrigada!”

Pensei sozinha em como alguém poderia esquecer que a homenagem era para eles. O evento tinha os nomes deles, com a foto deles, a família deles. Mas guardei meus pensamentos, tínhamos mais sonoras pela frente.

Ao final de tudo, chegou a vez de aproveitarmos a musicalidade do casal de nordestinos que encantou o Brasil com tanta poesia cantada. Eles subiram no palco, fizeram uma linda entrada, começaram a cantar, e eis que Raquel exclama espantada:

“Oxe! E a esposa de Antônio Barros e Cecéu também canta com ele? Se eu soubesse tinha entrevistado ela também...”

Por: Ygor Rezende

A NOITE EM QUE A PAUTA SILENCIOU O ESTAGIÁRIO

Era uma noite escura e chuvosa na redação da TV Paraíba, e todos já tinham ido embora, exceto um jovem estagiário chamado Rafael, conhecido carinhosamente como “O Poeta”. A redação estava praticamente vazia, apenas o brilho das telas de computadores iluminavam o ambiente. Rafael estava ali ainda, pois estava determinado a fazer o melhor trabalho possível em sua primeira grande reportagem.

A diretriz pela qual ele estava trabalhando foi recomendada por sua colega de redação, Laisa Grisi, uma mulher bastante experiente que era conhecida por sua dedicação incansável ao jornalismo. A matéria envolvia investigação de denúncias de corrupção em um órgão público local, e a pressão sobre Rafael era imensa.

O estagiário estava determinado a terminar sua pesquisa e tentar entrar em contato com sua fonte-chave ainda naquela noite. Ele estava ciente de que a fonte era uma pessoa muito ocupada, e a melhor chance de conseguir uma entrevista exclusiva era pegá-la de surpresa. Rafael navegou em sua lista de contatos, encontrou o número de telefone da fonte e discou.

À medida que o telefone tocava, Rafael sentia-se ansioso contando-o. Seria uma oportunidade rara e crucial para a reportagem. Ele estava prestes a desligar o telefone quando finalmente ouviu uma voz do outro lado.

“Alô?” disse a voz sonora.

“Olá, aqui é Rafael da redação da TV Paraíba. Gostaria de fazer algumas perguntas sobre as denúncias de corrupção que têm circulado. É possível que possamos encontrar?”

Houve um breve silêncio do outro lado da linha, e então a pessoa respondeu: “Agora não é um bom momento. São quase 10 horas da noite, e estou prestes a ir dormir.”

Rafael tentou argumentar e convencer a fonte, mas ela insistiu que era tarde demais e que deveria falar na manhã seguinte. O estagiário estava a concordar quando, de repente, a voz de sua editora, Laisa, ecoou na redação.

“Rafael, o que diabos você está fazendo aqui tão tarde?” ela exclamou, surpreendendo-o.

Rafael olhou para a tela do telefone, percebendo que a fonte ainda estava na linha, ouvindo toda a conversa. Ele ficou sem palavras.

“Estou trabalhando em uma matéria importante” , ele respondeu, com um olhar de pânico no rosto.

Laisa não parecia satisfeita com a resposta. Ela pegou o telefone da mão de Rafael, encarou a tela e descobriu que a fonte ainda estava na linha. Com um olhar determinado, ela disse: “Desculpe por isso. Vamos ligar de volta mais tarde, em um horário mais conveniente.”

Laisa desligou o telefone e olhou fixamente para Rafael. “Você sabe que o jornalismo é uma profissão que exige respeito pelos horários das pessoas, certo? E também respeito pelas regras da redação. Não devemos incomodar as fontes durante a noite, a menos que seja uma emergência.”

Rafael concordou, sentindo-se envergonhado pelo seu erro de julgamento. Ele aprendeu uma lição de habilidade noturna: o jornalismo era uma profissão que tinha personalidade e sensibilidade para as necessidades das fontes, bem como respeito pelas regras da redação.

No dia seguinte, Rafael conseguiu marcar uma entrevista com sua fonte, graças à intervenção de sua editora. Ele viu que às vezes, é importante saber quando é o momento certo para abordar uma história e que, mesmo em busca da notícia perfeita, é essencial manter o respeito pelos outros profissionais e suas vidas pessoais.

Naquela noite, Rafael aprendeu que, no jornalismo, às vezes é preciso saber o momento certo. Se não for uma urgência, tarde da noite ninguém fala com ninguém. Na redação do Bom Dia Paraíba, o “Bom Dia” é sagrado, e o “Boa Noite” é apenas para se despedir.

Por: Allan Melo

UNIVERSIDADE QUE ACOLHE PEQUENOS ALUNOS COM GRANDES SONHOS

No início era um pequeno menino que morava no interior da Paraíba, na cidade de Picuí. Seus primeiros trabalhos foram como ajudante de tropeiro de animais, que era uma espécie de frete de materiais de construção como areia e pedras com uso de animais, e vendedor de tapioca. Os seus dois primeiros patrões foram seu pai tropeiro, e sua mãe, que fazia tapioca. Depois de algum tempo aprendeu a arte de letreiro, pintava placas, fachadas, o que tinha para fazer ele fazia. Mas, o pequeno menino tinha um sonho. Ele era grande, o sonho é claro, pois o menino era baixinho mesmo. Sonhava em ser locutor.

“Aprenda a falar!” , teve de ouvir o baixinho sonhador do seu tão ilustre professor, de voz inconfundível, Gilson Souto Maior, que o reprovou três vezes em estágios de rádio. Mas ele tinha o sonho de ser locutor, no início de um cinema, o Cinema Guarani. Lá tinha um espaço para o locutor anunciar o título do filme que iria passar logo em seguida, e ele achava isso sensacional! Todavia, havia um problema, o baixinho errava o português, pobre coitado. Os seus colegas rachavam o bico de rir dos seus erros gramaticais, ele também se embolava todo ao tentar pronunciar o título dos filmes em inglês. “Star Wars” virava “Estar vars” .

“Os Goonies” viraram “Os goniês” . Uma hora não deu mais.

Realmente, para o seu sonho se realizar ele precisava aprender a falar bem, a sua profissão requeria essa habilidade. Ele começou a vencer esse obstáculo acompanhando pessoas que ele admirava e tinha como inspiração. Colou o ouvido no rádio e aprendeu com quem entende do assunto. As pessoas passavam e lá estava ele, anotando tudo, na frente da TV, de ombros com um radinho de pilha, tudo de diferente que se falava, ele anotava. Ninguém entendia nada.

Na Universidade Estadual da Paraíba encontrou nos professores o caminho para aperfeiçoar a sua fala. Em especial, o professor Celso Pereira, que sempre o atendia o seu telefonema com entusiasmo e ajudava nas suas dúvidas de português. Embora nunca tenha se negado a ajudar, Professor Celso o questionava constantemente:

“João Pedro, se tu tens um dicionário, por quê tu não usas ele?” - perguntava o professor.

“É que eu não gosto não, professor.” - respondia o baixinho.

No departamento de comunicação da Universidade Estadual da Paraíba, no bairro do São José, na época, o baixinho cresceu. Curioso como sempre fora, queria aprender sobre tudo, e os professores gostavam desse tipo. A partir daí, Luis Custódio, Orlando ngelo e Josimar Viana, todos professores de jornalismo, viram talento naquele rapaz. Até Massilon Gonzaga, seu colega de curso, que viria a se tornar professor, no tempo era seu grande amigo, e aqui para nós, colega de farra na sexta-feira após a aula. Era muito talento ao seu redor, o baixinho foi aprendendo a falar e a se comunicar. Ele não cresceu tanto em estatura física, mas seu nome, sua imagem, e principalmente sua voz o tornaram gigante.

A universidade e o curso de Jornalismo são isso. Acolhem pequenos estudantes com grandes sonhos, lhes dão o potencial de se tornarem grandes, e os seus sonhos acessíveis como se fossem pequenos. É necessário somente persistência, esforço, boas relações e foco em aprender.

Por: Erik Silva

A UNIVERSIDADE QUE FORMA BONS OUVINTES E CONTADORES DE HISTÓRIAS

Em meados do mês de Junho de 2023, em Campina Grande, capital da Paraíba e do forró, existia uma Universidade que formava não apenas profissionais para o mercado de trabalho, mas sim, traça trajetórias inesquecíveis na vida do estudante que faz parte de seu corpo discente.

Uma jovem se acordou em uma dessas manhãs ensolaradas, características da Rainha da Borborema, e percebeu que estava “cinquenta por cento quase jornalista”. Isabella sempre foi uma aluna esforçada, se viu na metade do curso de graduação na UEPB, mas sentia-se na zona de conforto, faltavam experiências, ansiava por memórias.

Em meio às aulas do quarto período, ela juntou força de vontade e a esperança de se tornar uma grande profissional para correr atrás de conhecimento prático. A verdade é que o curso de Jornalismo é um divisor de águas, é nele que você consegue ganhar bagagem teórica para enfrentar o dia a dia da profissão.

Isa, como gosta de ser chamada, resolveu desbravar todas as facetas oferecidas na academia: projetos de extensão, monitoria, aulas laboratoriais, e o mais almejado por um aspirante a jornalista - o Repórter Junino.

Junto de uma colega de classe, ela resolveu se inscrever em todos os componentes disponíveis, afinal, o que vingar “tá” no lucro! Mas ela não podia esperar nada mais do que ser aprovada como monitora bolsista e Repórter Junina em um projeto criado pelo Professor Firmino e abraçado pelos alunos selecionados.

“O Jornalismo escolhe pessoas, é bem isso, ele me escolheu” - Dizia ela, quando questionada sobre a inspiração em fazer jornalismo.

Campina Grande fica a 126 quilômetros da capital da Paraíba, mas há quem diga que a capital é ela. Populosa e famosa pela infraestrutura na

educação superior. Mas em junho a referência é outra, começa o São João de Campina, que é o mais típico do nordeste - cheio de tradição, cultura, comidas gostosas e muito forró.

E em uma noite tipicamente chuvosa no Quartel General do Forró, Isabella testemunhou uma das maiores experiências como repórter e nativa desses festejos juninos: Ao abordar um casal de senhores, que mais pareciam jovens, que estavam a degustar o seu caldinho quente, esquentando a noite fria, Isabella notou que a conversa renderia um conteúdo jornalístico especial.

Pergunta ao casal: “O que São João de Campina tem de diferente dos outros?” . Só não esperava que a resposta fosse advinda de tanto carinho. De forma receptiva e alegre a senhora respondeu: “O São João de Campina é o melhor pelas pessoas que fazem o São João: o pamonheiro, o vendedor de espetinho, o rapaz que vende doces. O povo campinense é um povo acolhedor!” .

Isabella descobriu que esse casal tem a tradição de marcar presença em diversos festejos juninos, viajam sozinhos, sem a companhia dos filhos e netos, e estavam pela primeira vez no Quartel General do Forró.

Neste momento, a mulher pede que as alunas do projeto Repórter Junino registrem aquele momento feliz na festa para postar nas redes sociais. A afetividade das meninas fez com que os turistas se sentissem em casa.

Por fim, as meninas como boas jornalistas pediram que o casal se posicionasse em frente à Fogueira Gigante, tradicional símbolo do São João em Campina, e fizeram de um simples retrato, o registro de um momento feliz e inesquecível para todos.

- “Muito obrigada, meninas. Desejo muito sucesso a vocês. Vocês fizeram essa noite ainda mais especial, obrigada pelo carinho, a foto ficou ótima...” , disse a senhora, toda contente.

Isabella ainda lembra desse dia com saudosismo, e afirma com todas as letras que o jornalismo é feito de forma humanitária. Não são apenas entrevistas ou notícias, são pessoas. O jornalismo é feito pelo público, é uma comunicação direta e objetiva.

A Universidade Estadual da Paraíba, no curso de jornalismo, em específico, é uma “mãe” para seus filhos (alunos). As experiências que a estudante buscou foram conquistadas, as memórias foram construídas. E

a lição mais importante deste percurso até aqui, é que o bom jornalismo sempre será feito por pessoas e para pessoas, de forma comunitária.

Uma história qualquer deixa de ser uma história qualquer quando é ouvida por um bom repórter.

Por: Karina Marques

JORNALISMO POR ACIDENTE

Há 10 meses, em uma sexta-feira, seguia o meu dia normalmente até que no final do meu expediente de trabalho recebo a notícia de que a moto do meu marido foi levada numa blitz. Ele estava estressado, des-norteado, e acabou falando coisas que saem da boca na hora da raiva, mas não deveriam. Um dia depois, no sábado, um dia como outro qualquer, o celular despertou exatamente às 5h40 da manhã, levanto com certa preguiça, preparo e tomo meu café enquanto navego nas redes sociais, tomo meu banho e começo a me arrumar para mais um dia de trabalho. Meu marido, já acordado, estava só me esperando. Saímos para mais um dia, e seguimos o caminho que fazemos como todos os dias, e a última coisa que eu pensava era na possibilidade de morrer naquele dia, mas o que eu mais tinha medo aconteceu: sofri um acidente de motocicleta. Lembro-me de acordar no asfalto, tentando entender o que tinha acontecido, completamente perdida, até que caiu a ficha. Olhei para o meu marido, estava com o rosto coberto de sangue. Vi se aproximarem socorristas e policiais, o nervosismo começou a tomar conta de mim. Chamo a minha mãe e desabo. Choro, choro e choro.

Cheguei no Hospital de Trauma de Campina Grande, e vi meu marido indo diretamente para a área de emergência. Eu esperei alguma notícia, ninguém me dizia nada, fiz alguns exames e esperei mais um pouco, até que veio o resultado. Me disseram que quebrei a perna e o tornozelo, e teria que fazer uma cirurgia.

Mil e um pensamentos rondavam pela minha cabeça, e o que predominava era que teria que parar a minha graduação, uma pena, a turma já estava tão entrosada. Mas o que eu poderia fazer? Não tinha o que fazer. Eu teria que trancar minha graduação no curso de jornalismo, definitivamente eu não queria ter que fazer isso, mas sequer estava conseguindo andar. As escadas da universidade são longas, a rampa é quase infinita, mesmo com bastante fisioterapia seria um trabalho bem lento e dolo-

roso. Tudo parecia sugerir que eu deveria abandonar o curso. Tudo isso tentou me afastar do jornalismo, mas eu resisti.

Alguns dias após o acidente, em algum momento eu resolvi superar tudo e permanecer estudando. Não queria abandonar o que tanto lutei para conquistar. E assim foi feito, fiquei algum tempo afastada, mas me recuperei. Seis meses depois eu voltei a estudar, mesmo que ainda sentindo dores, tudo incomodava, mas voltei com força de vontade de superar tudo e concluir meu curso.

A turma já não era mais a mesma, não conhecia ninguém, mas entendi que é apenas mais um obstáculo. Não é um obstáculo maior do que os que passaram, nem menor do que os que virão. O importante é que estou conseguindo, e vou continuar conseguindo quantas vezes precisar.

Por: Rayná Fontes

PÓS-FÁCIO

Ao encerrarmos as Histórias e Causos, que compõem o projeto O Meio Século, é impossível não sentir a riqueza dos relatos que transcendem o tempo e se entrelaçam com as trajetórias de tantas pessoas ao longo de cinco décadas. Este e-book é um olhar íntimo sobre o curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que vai muito além de uma graduação, se tornando um conjunto de histórias diversas, dos mais variados tipos, que movem sentimentos e ligam eternamente os personagens ao curso. Alegrias e tristezas, lágrimas e risadas.

Ao percorrer as páginas, que celebram a contribuição de cada profissional, de alunos e ex-alunos, é possível vislumbrar não apenas suas habilidades acadêmicas, mas as histórias que os tornam verdadeiramente inspiradas. Os desafios superados, as paixões compartilhadas, as lições aprendidas – tudo isso é reinterpretado pelos alunos do Meio Século. Vemos que este livro é mais do que um registro de dados; é um testemunho das vidas e de fascínios que moldaram uma instituição e suas contribuições ao cenário jornalístico. Que estes relatos sirvam como fonte de inspiração para as futuras gerações de comunicadores, lembrando-lhes que, mais do que a técnica, é a paixão por contar histórias que realmente definem o jornalismo.

Agradecemos a todos que fazem parte deste projeto e aos leitores que agora carregam consigo um pedaço dessa história. Que este livro seja uma celebração não apenas do passado, mas também um farol que guia os jornalistas do futuro.

Por: Mikaelly Faustino

NOTA DOS AUTORES

O e-book **Meio Século Jornalismo – Histórias e Causos**, é uma parte essencial do projeto que comemora os 50 anos do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Este conjunto de histórias e crônicas é o fruto do compromisso dos alunos envolvidos nas disciplinas do Laboratório de Projeto Gráfico e Laboratório de Jornalismo Digital, todos sob a orientação da professora Rackel Cardoso, que nos acompanhou com maestria em cada passo. O nosso período foi dedicado à criação dos assuntos do projeto, todas as quintas e sextas tínhamos encontros para pensarmos em fontes e pautas, usando a criatividade em cada produção. Encaramos diversos desafios e inseguranças, testando nossa resiliência a cada passo. Mas, o lançamento do e-book é a cereja do bolo nessa jornada toda. Imagina só o sentimento de ver ideias e pensamentos ganhando nossa vida num formato que todo mundo pode curtir? Não dá nem pra descrever. Saber que ajudamos a mostrar a importância do Jornalismo, mesmo com todos os perrengues pelo caminho, é uma satisfação gigante. A gente não só imaginou os desafios, mas mandamos ver e fizemos a diferença. Este livro vai além de ser apenas um compilado de histórias; é uma manifestação viva do nosso comprometimento com a narrativa jornalística, desde as primeiras entrevistas até a redação dos textos, a escolha cuidadosa em cada detalhe. Cada página carrega um pouquinho de cada um de nós, alunos que, hoje, estivemos imersos na criação deste material.

Queremos expressar nossa sincera gratidão a todos que participaram deste projeto o tornando real e concreto, realizamos um mosaico de histórias que refletem a relevância e trajetória do Jornalismo. Esperamos que estas páginas proporcionem momentos de agrado, reflexão e, acima de tudo, inspirem os leitores e futuros profissionais a apreciarem as histórias vividas dentro da nossa querida UEPB.

Por: Mikaely Faustino

DIAGRAMAÇÃO

Bruna Messias
Mikaely Faustino
Anderson Souza
Marilia Duarte

TEXTO

Allan Melo
Bruna Messias
Erik Silva
Karina Marques
Karolina Matias
Mikaely Faustino
Rayná Fontes
Sabrina Xavier
Ygor Rezende

CAPA

Luana Medeiros

SUPERVISÃO

Rackel Cardoso

REVISÃO

Tayná Medeiros

TIPOLOGIA

Microsoft Tai Le
Poppins
Times New Roman



MS

JORNALISMO